

**○ OUTRO DIASPÓRICO
EM DOIS EPISÓDIOS DE
SMALL ISLAND (2004),
DE ANDREA LEVY**

MOLINARI, S.C.M.¹
SOUZA, M. A. S.²
BONNICI, T.³

¹ Aluna de Programa de Mestrado em Letras UEM, Maringá PR

² Aluna de Programa de Mestrado em Letras UEM, Maringá PR

³ Professor Associado no Departamento de Letras / UEM, Maringá PR.

RESUMO: Analisam-se dois episódios do romance *Small Island*, de Andrea Levy, publicado em 2004, em que o sujeito colonial e diaspórico encontra-se com o colonizador que o outremiza através da objetificação decorrente de estereótipos de "raça". Utilizando as teorias proposta por Bhabha, Ashcroft e Spivak, afirma-se que o binarismo hierárquico e a diferença constroem métodos pelos quais o colonizador exclui o sujeito colonial ou dele se serve para fins alheios ao sistema sujeito-sujeito. O revide, especialmente a dissimulação e o silêncio, do sujeito colonial tornam-se instrumentos para a subjetificação do colonizado.

PALAVRAS-CHAVE: *Small Island*, exclusão, o negro caribenho na diáspora, revide

ABSTRACT: Two episodes from Andrea Levy's *Small Island* (2004) are analyzed. The colonial and diasporic subjects encounter the colonizer who others them through objectification from racial stereotypes. Theories by Ashcroft, Bhabha and Spivak are employed to investigate the hierarchical binary factors and difference which construct the methods by which the colonial subject is excluded or is utilized for non-subject-subject ends. Subversion, especially, sly civility and silence, of the colonial subject becomes an instrument for the colonized person's subjectivity.

KEY WORDS: *Small Island*, exclusion, diasporic Caribbean, subversion.

INTRODUÇÃO

O império britânico foi o conjunto de terras e continentes que os exploradores ingleses, a serviço dos reis da Grã-Bretanha, foram ocupando em praticamente todo o mundo, a partir do século 17. Seu domínio chegou a uma área de cerca de trinta e seis milhões de quilômetros quadrados e uma população de quinhentos milhões de pessoas. Os ingleses lançaram-se à conquista do mundo durante o reinado de Henrique VII (1485-1509), o qual promoveu a indústria naval como forma de expandir o comércio para além das ilhas britânicas. Entre os séculos 17 e 19 os ingleses expandiram o seu império e incluíram grande parte da África, quase toda a América do Norte, a Índia, o sudeste asiático e várias ilhas ao redor do mundo. Em 1776 o império britânico sofreu um revés com a independência dos Estados Unidos, compensado com o início da colonização da Austrália em 1783 e mais tarde Nova Zelândia a partir de 1840. Embora no século 19 o império colonial britânico chegasse ao seu apogeu, após a II Guerra Mundial a maioria das

colônias reivindicaram a autonomia política, a qual, nas décadas seguintes, as lutas coloniais provocaram a desagregação do império britânico nos anos 1960 e 1970.

A história oficial apresenta a Grã-Bretanha como um povo de cultura homogênea, quebrada pelas migrações populacionais do Caribe, da África e da Ásia no pós-guerra. O mito da raça britânica foi construído ao longo de vários séculos embora seja consenso geral que a população britânica foi formada a partir de invasões e conquistas de diversas civilizações e que somente no século 18 passou a existir como estado-nação. Devido à sua expansão imperial e à variedade de culturas da qual foi constituída e sobre as quais dominou, o “outro” (o negro, o asiático, o africano) fez parte de sua história como elemento constitutivo. Todavia, somente após a II Guerra Mundial que a questão multicultural foi colocada em pauta diante da chegada emblemática do navio *S.S. Empire Windrush* em 1948, trazendo emigrantes caribenhos em busca de uma vida melhor, até que a legislação britânica lhes fechou as portas nos anos 70 (HALL, 2003). Embora sentindo fortemente a exclusão social e o racismo no seio da “mãe” Inglaterra, atualmente esses imigrantes e seus descendentes constituem 7% da população britânica e 25% da população de Londres e de algumas outras grandes cidades. Sua história pós-guerra tem sido de lutas contra o preconceito racial e de confrontos com grupos racistas e a polícia.

O objetivo deste trabalho é analisar através da crítica pós-colonial dois episódios no romance *Small Island*, de Andrea Levy, publicado em 2004. O primeiro, encontrado no prólogo, consiste na narração analéptica da inglesa Queenie sobre sua visita à exposição do Império Britânico na Inglaterra em 1924; no segundo a jamaicana Hortense foi rechaçada, com indiferença e ironia, como professora numa escola de Londres, devido à sua pele negra. Expõem-se as estratégias de outremização presentes nessa obra de Andrea Levy, uma autora britânica negra (*Every light in the house burnin'*, 1995; *Never far from nowhere*, 1996; *Fruit of the lemon*, 1999), nascida em 1956, cujos pais vieram da Jamaica à Inglaterra como imigrantes. Em seus livros Levy revela como o racismo inglês

provoca a exclusão dos sujeitos coloniais, pois envolve a destruição de seus ideais e de sua integração.

OUTREMIZAÇÃO

Outremização é o processo pelo qual o discurso imperial fabrica o “outro”, o qual começa a existir pelo poder do discurso colonial. “A outremização descreve os vários modos pelos quais o discurso colonial produz seus sujeitos. [...] É um processo dialético porque o colonizador, o Outro, é estabelecido ao mesmo tempo em que seus colonizados, os outros, são produzidos como sujeitos coloniais” (ASHCROFT, 1998:171). Bhabha (1991) afirma que o discurso colonial constrói os colonizados como uma população degenerada, enquanto o colonizador se afirma numa “raça” superior e, assim, justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais. Fanon (apud BHABHA, 1991: 193) constrói essa dicotomia quando relata um episódio da menina branca diante do Negro: “‘Veja, um negro, mamãe, olha o negro! Tenho medo. Medo’. O que mais poderia ser para mim, conclui Fanon, a não ser uma amputação, uma extirpação, uma hemorragia que me jorrou sangue negro pelo corpo inteiro”. O estereótipo do negro é reforçado sempre no discurso colonial onde a cor negra é relacionada com o mal, o errado e o negativo, enquanto a cor branca sempre é relacionada à pureza, à bondade e à verdade. Para Fanon “as crianças se deparam com esses estereótipos raciais e culturais nas ficções infantis, onde heróis brancos e demônios negros são oferecidos como base para a identificação psíquica e ideológica. Semelhantes dramas são vividos todos os dias nas sociedades coloniais” (apud BHABHA, 1991: 194).

Segue-se que o “outro” é aquele cuja referência se encontra fora do ambiente daquele que fala. O sujeito colonizado e pós-colonial é considerado o “outro” devido à centralidade do colonizador e aos discursos sobre primitivismo, canibalismo e outros proferidos por esse último. Deriva-se o conceito de “Outro/outro” da filosofia existencialista de Sartre, da formação do sujeito de Freud e de Lacan. Aplicando a teoria lacaniana ao pós-colonialismo, pode-se dizer que o Outro se refere ao centro e ao discurso imperial, enquanto o outro

adquire sua identidade de colonizado através da dependência e através do arcabouço ideológico pelo qual percebe o mundo. De fato, o colonizado é o sujeito degradado do discurso imperial. "Caracterizar uma pessoa, grupo ou instituição como 'outro' é colocá-los fora do sistema de normalidade ou convenção para o qual ele pertence" (HAWTHORN, 2003, p. 249). Os sujeitos que não seguem as regras e padrões dos europeus são colocados à margem e considerados 'outros'. O branco, ao invadir o território alheio, outremiza o outro, pois impõe sua vontade tratando o colonizado como objeto. Esse processo baseia-se na filosofia ocidental, a qual forma considerações binárias hierarquizadas. O colonizador sente-se superior ao nativo devido a esse binarismo. "Quando o colonialismo coloca o nativo no pólo negativo da hierarquia e o associa à categoria de não europeu, ele estabelece a sua centralidade e o seu poder" (BONNICI, 2005, p.17). Existem muitas formas de objetificar e colocar o nativo na alteridade. Spivak (1987) cita três tipos de outremização: (1) exploração física do território não europeu pelo qual o "Outro", representante do poder colonizador, produz o "outro"; (2) a degradação do nativo quando é chamado de preguiçoso, ameaçador, depravado, mentiroso, pérfido, bruto, selvagem; (3) o hiato entre o europeu ("nós") e o outro ("eles"). Portanto, as pessoas outremizadas são homogeneizadas no termo coletivo "eles", o que é destilado no icônico "ele" (o homem adulto). Esses termos "eles" e "ele", destacadamente abstratos, são os sujeitos de verbos no tempo presente eterno. Esse fato caracteriza tudo o que "ele" é ou faz, mas como uma característica ou um traço pré-existente. O colonizado é colocado em uma posição coletiva perdendo seu valor enquanto indivíduo. Esse processo de outremização pode ocorrer em todos os tipos de narrativa colonialista e é através dele que o discurso imperial fabrica o "outro". Todorov (1991) reforça essa posição quando afirma que a outremização acontece porque o colonizador prefere focalizar os artefatos às pessoas. Dessa forma, o nativo continua relegado a uma posição inferior e objetificada, pois ele não tem valor algum como produtor ou criador, uma vez que somente a sua criação é importante para o colonizador.

O desenvolvimento do sujeito, desde Descartes até Sartre (ASHCROFT et. al 1991: 172) se reduz à construção do “outro” como diferente. No discurso pós-colonialista podemos perceber uma íntima relação entre discurso e poder.

Gerações de europeus se convenciam de sua superioridade cultural e intelectual diante da “nudez” dos ameríndios; gerações de homens, praticamente de qualquer origem, tomavam como fato indiscutível a inferioridade das mulheres. Nesses casos, estabeleceu-se uma relação de poder entre “sujeito” e o “objeto”, a qual não reflete a verdade (BONNICI, 2003:205).

Reforça-se, portanto, a teoria que relaciona língua, discurso e poder, e proporciona a separação e o binarismo entre o colonizador e o colonizado. Ao degradar a cultura do nativo, o colonizador impõe sua própria cultura como superior.

Todavia, é pertinente frisar o revide do colonizado mediante tantos feitos do homem branco em relação à sua cor, cultura e posses. “Quando o esboço do empreendimento colonial estava sendo ideologicamente construído, havia um núcleo dialético de reação do nativo. O revide se processa em dois níveis, individual e coletivo” (BONNICI, 2000:55). O nativo se rebela contra o colonizador quando faz silêncio, ou quando usa sua língua de forma fragmentada ou perfeita, quando faz exigências ao colonizador ou impõe sua vontade. São várias as formas do colonizado se rebelar. Em *A Tempestade*, de Shakespeare, Calibã se rebela contra Próspero. “Quando responde ao europeu, o subalterno não somente recupera sua voz, mas também denuncia a usurpação cometida e as leis infringidas” (BONNICI, 2000:56).

A EXIBIÇÃO DA COMMONWEALTH BRITÂNICA

O primeiro episódio sob análise refere-se ao prólogo de *Small Island* onde analisam-se as estratégias de outremização do nativo pelo europeu. A fábula do romance começa quando a personagem Queenie relata suas memórias de infância sobre sua visita à Exibição do Império Britânico de 1924 em Londres. Percebe-se logo a visão britânica (centro) do resto do mundo (periferia). O tema dessa exibição é

constituído com base no racismo, ratificado pelo fato de Queenie desconhecer que a África é um continente. Na sala de aula Queenie acredita ter estado na África quando na verdade esteve somente numa feira internacional que exibia as colônias britânicas. "I thought I'd been to Africa [...] I went to Africa when it came to Wembley". A professora retruca dizendo que ela não tinha ido à África, mas sim à exibição do império britânico, como tantos outros foram. Percebe-se claramente a ignorância do europeu em relação às colônias, quando ele não conhece nem mesmo a localização dos outros países e continentes. Como o 'outro' se encontra fora do ambiente daquele que fala, o sujeito colonizado é considerado 'outro' devido à centralidade do colonizador e à sua posição forçada como diferente e periférico.

Ao longo do prólogo, Queenie narra suas experiências nesse passeio e faz comentários que manifestam as características da colonização e da hierarquização imposta ao sujeito colonial.

Hundreds and hundreds of people were tramping in through the gates [...] 'Over, here! No, over here... Over here's better'. The Empire in little. [...], and building after building that housed every country we British owned (LEVY, 2005:3).

Esse comentário mostra como o poder imperial é centralizado enquanto que as colônias subordinadas a esse domínio passam a existir a partir do discurso imperial. Na citação acima, fica claro que os sujeitos imperiais sentem-se os "donos" absolutos de suas colônias, repetindo a temática encontrada em *Robinson Crusoe*, tal como a posse soberana da ilha e o interesse do colonizador pelas informações que o nativo pode lhe oferecer para a sobrevivência e até a fuga da ilha (BONNICI, 2000:83).

Ademais, nota-se o fascínio dos colonizadores diante dos produtos das colônias e de seus artefatos. Os objetos fabricados pelos nativos são muito atrativos ao colonizador, o qual se mantém sempre estranho ao nativo.

There was a lot of discussion about what we should see – the whole world and only one day to see it. Mother was not interested in the different woods of Burma [...] the coffee of Jamaica. [...] the sugar

of Barbados. [...] the chocolate of Grenada. [...] Australia smelt of apples. Ripe, green, crisp apples. A smell so sharp and sweet it made my teeth tingle. [...] The smell of tea in Ceylon had mother swallowing hard and saying, 'I'm dying for a cuppa...' (LEVY, 2005: 3-4)

Corroborando esse fascínio a opinião de Todorov (1991: 126) quando afirma:

[...] nem por isso os índios tornam-se sujeitos no sentido pleno, isto é, sujeitos comparáveis ao eu que os concebe. É antes um estado intermediário que devem ocupar em seu espírito: são sujeitosatos sim, mas sujeitos reduzidos ao papel de produtores de objetos, de artesãos ou de malabaristas”.

Embora os nativos sejam capazes de produzir muitas coisas atraentes aos olhos do europeu, este desconhece totalmente o nativo como executor de tais objetos e não lhe atribui valor algum. Ignorando por completo a cultura do nativo, o europeu se mantém distante do sujeito colonial e preocupa-se somente com a sua própria cultura e conhecimento. Essa degradação, resultado da ignorância, chega ao absurdo de o colonizador, por exemplo, ligar a sujeira aos países colonizados e a pensar que um traço cultural seja sinal de uma doença contagiosa.

Hong Kong smelt of drains, and India was full of women brightly dressed in strange long colourful fabrics. And all these women had red dots in the middle of their forehead. No one could tell me what these dots were for. 'Go and ask one of them', Emily said to me. But Mother said I shouldn't in case the dots meant they were ill – in case they were contagious (LEVY, 2005: 4)

A visita de Queenie ao pavilhão africano revela sua formação racista, a primazia do colonizador e a periferização do sujeito colonial.

We were in the jungle. Huts made of mud with point sticky roofs all around us. And in a hut sitting on a dirt floor was a woman with skin as black as the ink that filled the inkwell in my school desk. A shadow come to life. Sitting cross-legged, her hands weaving bright patterned cloth on a loom. 'We've got machines to do it now', [...] 'She can't understand what I'm saying', Graham explained. 'They're not civilised. They only understand drums'. The woman carried on like she'd heard no one speak – pushing her stick through the tangle of threads (LEVY, 2005:4-5).

Queenie chama o pavilhão africano de selva, objetifica a mulher negra ao compará-la à tinta de seu tinteiro, e outremiza

os sujeitos coloniais quando afirma que não são civilizados e que não entendem a língua do colonizador. Ao comparar a tecnologia da metrópole ao tear manual da colônia, Queenie coloca a metrópole novamente em posição superior, pois a metrópole possui um avanço tecnológico e a colônia ainda trabalha de forma primitiva. Nota-se, porém, o revide quando a mulher nativa ignora a fala dos colonizadores permanecendo em silêncio.

Outrossim, o nativo é colocado em uma posição inferior quando epítetos estereotípicos conforme suas características físicas, comparadas a animais, lhe são dadas.

An African man. A black man who looked to be carved from melting chocolate. I clung to Emily but she shooed me off. He was right next to me, close enough so I could see him breathing. A monkey man sweating a smell of mothballs. Blacker than when you smudge your face with a sooty cork. The droplets of sweat on his forehead glistened and shone like jewels. His lips were brown, not pink like they should be, and they bulged with air like bicycle tyres. His hair was woolly as a black shorn sheep. His nose, squashed flat, had two big nostrils big as train tunnels. And he was looking at me. 'Would you like to kiss him?', Graham said. He nudged me, teasing, and pushed me forward - closer to this black man. And Emily giggled. 'Go on Queenie, kiss him, kiss him'. This man was still looking down at me. I could feel the blood rising in my face, turning me crimson, as he smiled a perfect set of pure blinding white teeth. The inside of his mouth was pink and his face was coming closer and closer to mine. He could have swallowed me up, this big nigger man. (LEVY, 2005, p. 5)

Nesse momento ocorre o segundo tipo de outremização descrita por Spivak (apud BONNICI, 2005) quando o nativo é considerado ameaçador, bruto e selvagem. Notam-se as estratégias de objetificação todas as vezes que Queenie se refere a objetos em seu comentário sobre o nativo e suas características físicas, especialmente as de zoomorfização. Queenie compara o homem negro a chocolate derretido, chamou-o de macaco, falou de seu cheiro de naftalina, comparou sua cor com a fuligem, referiu-se ao suor de sua testa como reluzente e brilhante como jóias. Queenie ainda descreveu os lábios do nativo como pneus de bicicletas cheios de ar e seus cabelos como a lã de ovelha tosquiada. As narinas do nativo foram comparadas aos túneis escuros de trem. O nativo, segundo a

descrição de Queenie, não se encaixou dentro do estereótipo no qual ela foi criada, pois ela é branca, com cabelos claros e olhos azuis. O colonizador sempre tenta passar a imagem do nativo como alguém fora dos padrões normais, tanto em relação a sua cor quanto a sua conduta, ficando dessa forma em uma posição superior e exercendo seu domínio e controle.

Todavia, a degradação e objetificação provocam o revide do nativo contra o colonizador usando seu idioma com perfeição.

But instead he said, in clear English, 'Perhaps we could shake hands instead? Graham's smile fell off his face. And I shook an African man's hand. It was warm and slightly sweaty like anyone else's. I shook his hand up and down for several seconds. And he bowed his head to me and said, 'It's nice to meet you'. Then he let me go and stepped out of our way so we could pass. [...] Graham mumbled again that he needed the toilet. And the African man must have understood because he pointed and said, 'Over there by the tree is a rest room where I think you will find what you need'. (LEVY, 2005: 5)

Com a impressão de que os africanos não são civilizados e somente entendem tambores, Queenie se espanta diante do inglês perfeito do sujeito colonial, o qual deveria desconhecer o inglês.

O revide acontece no momento em que o sujeito colonial responde ao colonizador usando sua língua de forma culta e, dessa maneira, desloca o colonizador de sua posição central e hegemônica. Queenie se surpreende ao tocar a mão do nativo e percebe que a mesma tinha um toque quente e suavemente úmido como a mão de qualquer inglês. Pode-se perceber que o toque da mão do nativo para Queenie foi algo agradável. Esse fato a assustou, pois esperava sentir algo rude e desagradável, relacionado à descrição que ela fez do nativo e não algo que contrariasse toda aquela descrição. Nesse momento acontece outro revide do colonizado que contrariou o estereótipo do colonizador. O revide se processou de forma pacífica, porém não menos marcante. Queenie impressiona-se com a gentileza do africano pois esperava encontrar um selvagem. No que concerne o racismo, percebe-se que a mentalidade dos britânicos descarta a gentileza do outro, enfatiza a questão epidérmica e impõe-se como um fator ideológico, pois o homem negro não se encaixou no estereótipo negativo criado pelo colonizador.

EXCLUSÃO E RACISMO

O segundo episódio encontra-se no capítulo 50 do romance sob análise. Inicia-se com a jamaicana Hortense, já na Inglaterra, se preparando para apresentar seus documentos de professora primária à diretora de uma escola pública inglesa. Gilbert, seu marido jamaicano, percebe a preparação de Hortense para a entrevista e antevê a decepção que ela poderia ter. Nas mãos de Hortense há duas cartas de recomendação, escritas pelo diretor de escola jamaicano. Estas e a experiência escolar em Half Way Tree School poderiam abrir-lhe as portas de um trabalho em uma escola inglesa em Londres.

My two letters of recommendation each contained words that would open up the doors of any school to me. Despite the slow start at the school for scoundrels in Half Way Tree, my headmaster had seen fit to call my teaching skills proficient. [...] Miss Morgan, the formidable principal at my college, declared me highly capable (LEVY, 2005: 371).

Evidenciam-se a expectativa e a necessidade que a Hortense tem em encontrar um trabalho digno em que possa demonstrar toda a sua alta capacidade pedagógica. Hortense, uma mulher independente e culta, muito valorizada na Jamaica pelo seu grau de escolaridade e pela sua própria condição feminina, estabelece uma relação de igualdade com o "nativo" inglês. Todavia, não percebeu que, desde o momento que pisou em solo britânico, começou a ser outremizada através de preconceitos arraigados na mentalidade do sujeito britânico. Hortense não reparou a marginalização à qual foi relegada pela mulher inglesa no caos que pensou que fosse sua empregada jamaicana nem pelo taxista que fingia não entender sua pronúncia. A professora jamaicana não percebeu que foi outremizada e excluída no exato momento em que pisou solo britânico.

Em seu esforço para ser mais integrada na Inglaterra, a metrópole, Hortense havia decidido de aperfeiçoar o seu inglês jamaicano, aproximando-o ao inglês falado na Inglaterra.

Whereas I, since arriving in this country, had determined to speak in an English manner. [...] No. To speak English properly, as the high-class, I resolved to listen to the language at its finest. Every day my wireless was tuned to the most exemplary English in the known world. [...] I listened. I repeated. And I listened once more. (LEVY, 2005: 372)

Esse fato nos permite analisar três pontos norteadores de como o sujeito colonial, especialmente a mulher, coloca a ambigüidade na questão da anulação da identidade na diáspora. Primeiro, há uma tentativa de manter sua identidade, na medida em que, inicialmente deseja-se falar um inglês com o sotaque de sua terra natal. Em seguida, Hortense tenta adequar o idioma à pronúncia da metrópole caso quisesse ter uma condição social melhor. Começa-se, portanto, um processo de aquisição da cultura e da linguagem alheia em substituição e até pela aniquilação de sua própria cultura, desfazendo-se de sua identidade e aceitando a imposição da cultura dominante.

A objetificação de Hortense se dá quando ela se coloca diante dos ingleses e de sua cultura, reconhecendo-os superiores. Embora advertida por Gilberto (“This is not the way England works”, Levy, 2005, p. 373), Hortense ainda mantém uma condição sujeito-sujeito, ou seja, não repara que a hierarquização é inerente à mentalidade britânica e que a inferiorização entre britânico (sujeito) e jamaicano (objeto), provocada pela cor da pele, já é um fato indiscutível e irrevogável. Contudo, ela reafirma sua condição de sujeito, quando diz que “a teacher such as I was not someone to be treat in the same way as a person in a low-class job”. Hortense ainda acreditava que os outros a viam como uma professora e não como professora negra formada numa colônia britânica. Sua condição de excluída emerge quando chega à recepção do local da entrevista e nota que pesa sobre si o olhar de três inglesas. Esse fato causa-lhe estranhamento, por ela ainda não ter consciência de como os ingleses a inferiorizam por ser de outra “raça”. O olhar escrutinador do colonizador interpela o sujeito colonial: o primeiro não reconhece o outro como igual e julga-se superior; ao segundo só cabe a condição de objeto que deve ser estudado e avaliado.

No momento da entrevista Hortense retribui a ironia das três professoras inglesas com boas maneiras. A entrega das cartas de recomendação aprofunda mais a exclusão e a outremização de Hortense, pois a entrevistadora nem leu as cartas; apenas as segurou e perguntou o que eram. Hortense lhe explica que eram cartas oficiais da sua escola normal na Jamaica. Logo, as

entrevistadoras indagam a respeito da origem dela, lhe perguntando de onde ela era, ou seja, novamente cria-se a tensão dicotômica entre sujeito e objeto em que o último é inferiorizado. A relação assimétrica entre as duas “raças” se consolida de forma mais intensa quando Hortense tenta explicar sua procedência e é novamente interrompida pela entrevistadora que, sabendo que Hortense é jamaicana, acirra sua atitude racista.

She leaned back on her chair and instead of opening the letters she began playing with them - flicking the papers against her fingers. ‘And where did you train to be a teacher’ - she asked me. [...] ‘Well, I’m afraid you can’t teach here and passed the unopened letters to me. [...] ‘If you read the letters’, I said. [...] She did not let me finish. ‘The letters don’t matter’, she told me. ‘You can’t teach in this country. You’re not qualified to teach here in England’. (LEVY, 2005: 375).

O episódio demonstra com clareza a relação estabelecida a partir do contato de duas “raças” diferentes, em que aquele que se julga superior quer impor sua superioridade ao “outro”, o qual, neste caso, não consegue reagir, pois é interrompido a cada vez que tenta se expressar pela linguagem. Essa falta de expressão reflete a ausência de poder daquele que é humilhado e objetificado por não ser formado em universidade inglesa e não ter origem britânica. Confirma-se que o sujeito colonizador, branco e inglês, não aceita a cultura do “outro”. A objetificação se aprofunda mais quando a entrevistadora descarta qualquer possibilidade de igualdade e de subjetividade do outro colonial.

It’s doesn’t matter that you were a teacher in Jamaica’, she went on. ‘You will not be allowed to teach here’. She shook the letters at me. ‘Take these back. They’re of no use’. [...] ‘There is no point you asking me anything else. Now please, I have a lot to do. Thank you’ (LEVY, 2005: 376).

Após essa situação constrangedora, revela-se a Hortense de que nunca teria seu valor profissional reconhecido em Londres como o tinha na Jamaica. Em decorrência dessa decepção toda a esperança de se tornar sujeito, em um país estrangeiro, desaparece e cede lugar a um sentimento de fraqueza e impotência perante a superioridade inglesa. Por um momento admite que foi vencida, mas promete para si mesma, como revide,

que voltaria ali quando esteja qualificada a ensinar em Londres. Enquanto os brancos confirmam em tom irônico que isto jamais iria acontecer.

A “epifania” de Hortense a respeito de sua exclusão na metrópole e de sua conscientização de ser negra e diferente acontece quando, na saída da escola, ela se atrapalha e entra numa despensa onde abundam objetos de limpeza utilizados por subalternos normalmente oriundos das colônias ou ex-colônias.

Suddenly everything was dark. I was staring on the ladder, a mop and a broom. I put out my hand and touched shelves stacked with bundles of paper. For one moment, I wondered how I would find my way out through this confusion. Only when my foot kicked against a bucket did I realise I had walked into a cupboard. I had stepped in with all the confidence I could grasp, while the women watched me. All three were giggling when I emerged from the dark of the closet. One behind a hand, another with a sheet of paper lifted up so that I might not see. The older woman was, of course, smiling but pity encircled the look. ‘It’s that door,’ she said, pointing her spiky finger at the other wooden opening. I thanked her, bade them all good day once more and passed through the correct exit, untroubled by the sound of their rising laughter (LEVY, 2005: 377).

A exclusão racial faz com que o outro, abandonando sua terra natal e procurando a “mãe” que possa o acolher, seja o objeto de zombaria e de indiferença. O colonialismo produziu na nação colonizadora o mito da superioridade, especialmente da “raça superior”, onde o diferente é outremizado para ser explorado. Embora a diferença tente quebrar a subjetividade do sujeito, a identidade deste manifesta-se no revide da subjetividade. Hortense saiu de uma situação de exclusão e rejeição como um sujeito autônomo. Corrobora-se esse fato quando, sabendo que Queenie escondia uma criança caribenha negra, Hortense a adotou e lhe deu não apenas um lar mas também uma identidade. Parece absurdo mas, no contexto do preconceito racial britânico, o menino negro, nascido na Inglaterra de mãe inglesa e de um soldado negro, seria mais tarde diaspórico dentro de sua terra. Hortense se subjetifica quando, rechaçando qualquer exclusão, forma uma “comunidade” pela sua autonomia subjetificadora.

CONCLUSÃO

A análise de dois episódios de *Small Island* mostra a temática do romance de autoria negra na Inglaterra. A presença de sujeitos coloniais, oriundos das ex-colônias britânicas, proporcionou o estabelecimento de uma literatura que subverte padrões culturais ingleses e denuncia parâmetros de revide que começam a ser comuns nas literaturas pós-coloniais. No caso especial da Inglaterra, autores afrodescendentes e caribenhos, como Andrea Levy, Leila Abulela, Caryl Phillips, Zadie Smith e outros, estão desmitificando a superioridade do colonizador e deslocando a sua centralidade, propondo uma nova ordem global de inclusão e diferença no contexto da igualdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHCROFT, B. et al. *Key concepts in post-colonial studies*. London: Routledge, 1998.
- ASHCROFT, B. et al. *The Empire Writes Back*. London: Routledge, 1991.
- BHABHA, H.K. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H.B. de. (org.) *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 177-203.
- BONNICI, T. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L.O. (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003. p. 223-229.
- HALL, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HAWTHORN, J. *Glossary of contemporary literary theory*. London: Arnold, 2003.
- LEVY, Andrea. *Small Island*. New York: Picador, 2005.

TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SPIVAK, G. Subaltern Studies: Deconstructing historiography. In *In Other Worlds*. New York: Methuen, 1987, p. 215-219.